

## MONTE DAS ALFAZEMAS

Mais uma casa e ... mais uma prova de que cada projecto, cada obra que fazemos, é sempre diversa das que já fizemos para trás.

O diálogo do projecto com o sítio – com a sua orografia, topografia, geologia, clima, pré-existência, história, cultura, ... e poderia continuar – é sempre único. Aquilo que lá pomos de nós próprios, o jogo que fazemos com todos estes dados, constitui a essência da nossa profissão e, se o fizermos com amor, com gosto, com dedicação, jogando correctamente e com criatividade, então os resultados acabam por sair bem e a obra por cumprir com os nossos desejos.

No caso particular desta casa, os resultados não se devem só ao nosso trabalho, de técnicos/especialistas na matéria, mas também ao amor e dedicação que os proprietários lhe emprestaram, muito particularmente à Madalena, infelizmente já desaparecida.

A obra constitui, para mim, o melhor contributo à sua memória que, aqui, não poderia deixar de recordar. A Madalena passava dias e dias na obra, pintando, colando, dando indicações, sempre com um gosto extraordinário e muitos dos elementos decorativos e acabamentos são da sua autoria.

Mas, ... a vida tem que continuar e, felizmente, continua plena de alegria aqui neste local tão belo, contemplando paisagens a perder de vista.

A primeira vez que aqui vim, encontrei um monte em ruínas, no alto de uma colina, ao qual se chegava depois de subir por um caminho ladeado por oliveiras, de um lado e um campo de alfazemas, do outro.

Não fôra o calor brutal do verão alentejano e o ar seco e poderia estar na Provença. A sugestão mediterrânica era, de facto, bastante marcante. E as vistas ... para Poente e para Sul ... até ao infinito, a planície alentejana, sensual e ondulante e ao mesmo tempo repousante, sugerindo o mar.

A ruína do antigo monte resumia-se já só a fundações e arranque de paredes de duas construções, sensivelmente paralelas no sentido Norte-Sul.

O projecto foi relativamente simples (e digo relativamente porque não havia muito espaço para pôr tudo o que se pretende): Reconstruíram-se os dois volumes pré-existentes e uniram-se por um corredor novo no topo Norte.

Do lado Nascente colocaram-se os quartos e do lado Poente uma sala grande e a cozinha.

A Norte criou-se um alpendre, com arrumos para alfaias e estacionamento de automóveis e, a Sul, um pátio com muros baixos para vencer os socalcos, pontuado com bancos de alvenaria e pérgolas para sombreamento.

Um pouco mais abaixo, um tanque com um espaldar e, a Poente, voltado à vista, um terraço igualmente murado, ligeiramente elevado.

O Monte aparece agora como uma pequena Acrópole ("salvo as devidas proporções"), reconstruído com os materiais tradicionais na região – telhas e tijoleiras cerâmicas, rústicas, paredes brancas debruadas a ocre amarelo, xisto nos pavimentos exteriores, madeiras pintadas no interior, ... tudo transpira Alentejo e Sul, E isto também no desenho arquitectónico – na proporção dos vãos, na

simplicidade das soluções construtivas com ausência quase total de ornamentos num diálogo com o sítio, com a "Terra" e, ao mesmo tempo com o Universo, com o intemporal.

É essa espécie de fusão com a Natureza, afirmando simultaneamente a civilização do Homem e a sua cultura local, que vai desaparecendo cada vez mais na Cidade e que nos leva a escapar para estes refúgios.

É essa qualidade que urge repor nas cidades onde vivemos e que constituem ainda a melhor forma de organização social do Homem.

Entretanto, vamos gozando estes paraísos, estes refúgios de sonho, locais de paz e de reencontro do Homem com a Natureza e com a sua identidade cultural.

José Baganha